

ÍNDIOS

Povos do Alto Xingu festejam o Kuarup

Uma das principais celebrações indígenas do país foi acompanhada, pela primeira vez, por um ministro da Justiça

EDSON LUIZ

Enviado Especial/Alto Xingu (MT)

O ministro da Justiça, Nélon Jobim, trocou seu inseparável cachimbo pelo petum, um cigarro longo, feito de folha verde e fumo que só os índios kamayurá gostam. Jobim também trocou o final de semana em Brasília ou Porto Alegre pela aldeia Ipavu, dos kamauyrá, para se tornar o primeiro ministro da Justiça a participar, como convidado especial, da festa do Kuarup, quando os índios do Alto Xingu reverenciam seus mortos. Uma celebração que não é marcada pela lamentação, mas pela dança e luta entre os mais fortes entre 10 tribos da região.

O ministro estava muito à vontade. De calça jeans, pochete e com muita disposição, ele conversou sobre tudo. Falou da revogação do Decreto 22, que não permitia às pessoas que se sentissem prejudicadas por uma demarcação recorrer da decisão do governo. Jobim garantiu que o fim desta lei vai apressar as demandas judiciais. Mas ele parecia mais preocupado com as invasões nas reservas indígenas do Alto Xingu, uma área de 2,6 milhões de hectares. As invasões foram uma das reclamações feitas pelo cacique Takumã, seu anfitrião.

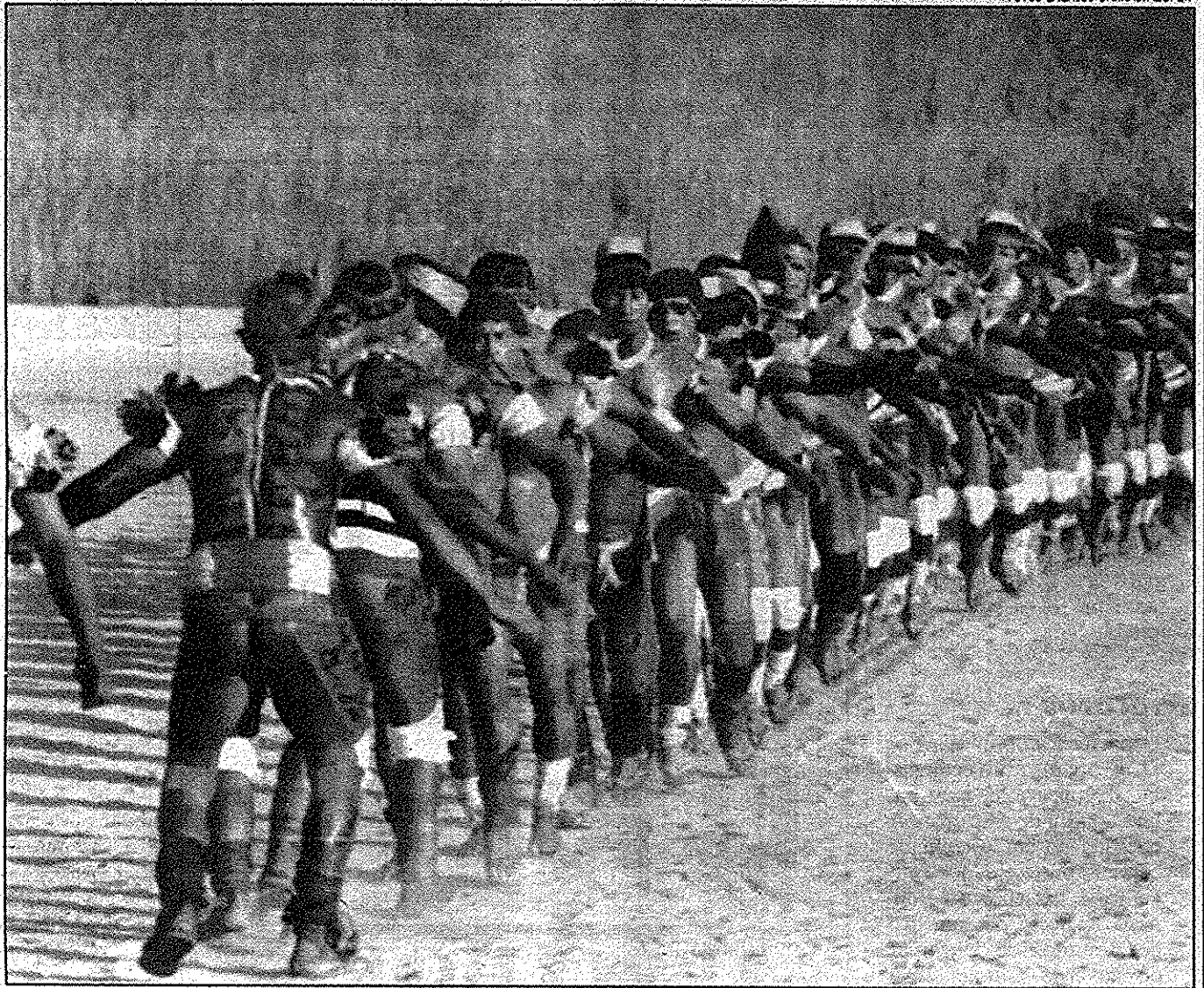
O Kuarup é uma das maiores festas indígenas do Brasil e dura quase dois dias. Os índios dançam durante toda noite em homenagem a seus mortos, representados por troncos. Na manhã seguinte, lutam o huka-huka, que forma campeões que passam para a história. Aritana, um índio alto e forte e um dos maiores líderes do Alto Xingu, é um deles. Com 43 anos, venceu 27 anos seguidos e hoje prepara seu filho, Tapy, para substituí-lo.

A disposição dos índios pareceu contagiar o ministro da Justiça. Sempre atento a todos os movimentos, só se distraía quando tinha que acender mais um longo petum, o cigarro que o cacique teimava em presentear-lo. Takumã pediu pouco a Jobim. "Só quero uma viatura para levar nossos doentes para os postos médicos, além de remédios", disse o líder kamayurá, que transformou a maloca onde mora numa hospedaria para os quase 60 convidados para a festa.

Além do ministro e de funcionários do governo, o Kuarup teve personagens interessantes. Um belga, que seria filho de um diplomata, e não revelou o nome, cobriu a brancura da pele com tinta de genipapo, a mesma usada pelos xinguanos como pintura de festa. O estrangeiro quis ficar nu, como os índios, mas foi aconselhado a manter-se vestido, como homem branco.

Todos esperavam que Jobim anunciasse que substituiria Dinarte Madeiro na direção da Fundação Nacional do Índio (Funai). Nada revelou, mas falou que o presidente Fernando Henrique Cardoso e sua mulher estão preocupados com a situação dos índios brasileiros. Ao citar dona Ruth Cardoso, o ministro pode ter dado uma pista de que o novo presidente da Funai será um antropólogo, indicado pela primeira-dama.

Sempre solícito e concentrado nas atividades dos índios e de suas reivindicações, Jobim e seus acompanhantes, o procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, e o presidente da Funai, conseguiram escapar de uma antiga tradição, que tornou-se folclore: usar o cocar indígena. "Dá azar", resumiu um assessor do ministro, citando Fernando Collor, Ulysses Guimarães, Mário Andreazza e Tancredo Neves, que um dia experimentaram o enfeite indígena.



Festa do mortos: índios de 10 tribos do Xingu dançam em homenagem aos antepassados durante o Kuarup



Segredo: Rosana (em pé), não diz quem ama

Um amor na selva

Rosana Vilela Vasconcelos, uma bela morena de 28 anos, sempre quis viver um grande amor. Quando pequena, sonhava em encontrar um príncipe encantado que com ela formasse uma família. Na aldeia kamayurá ela encontrou o homem de sua vida, mas sua história tem todos os ingredientes para não ter um final feliz. Rosana é branca e vive um romance com um índio casado, filho de um grande cacique da região.

Rosana deixou o emprego de enfermeira na Escola Paulista de Medicina. Vive há dois anos e meio no Xingu, onde faz tratamento médico com remédios convencionais e ervas. Ao contrário do que esperava, tem total aprovação do cacique dos kamayurá, Takumã, também um dos pajés mais famosos da região. "Trabalhamos juntos", diz ela, não revelando quem é o índio que se tornou seu romance proibido. "Sonho em viver com ele para sempre", diz.

Por ele, Rosana sofre bastante. Inclusive se submete a um costume da tribo: arrancar todo o corpo com um pente feito de dentes de piranha, até sangrar. Usa as mesmas pinturas que as índias, mas em vez de andar nua como as mulheres da tribo, prefere um biquíni, como toda mulher branca vaidosa. Quando passa por entre as malocas não desperta mais curiosidade. Apenas duas meninas parecem invejar sua liberdade. Elas não vêem a luz há dois anos, desde que foram enclausuradas numa maloca, depois que tiveram a primeira menstruação.

Mais brancas que os demais membros da tribo, Curimatá e Cumaru, hoje com 14 anos, saíram da maloca na festa do Kuarup. Todas as mulheres xinguanas seguem este mesmo ritual, quando têm a primeira menstruação. Os rapazes que chegam à adolescência ficam menos tempo enclausurados, mas a reclusão também é obrigatória.